
LEITURA E ANÁLISE DE TEXTOS DA ESFERA JORNALÍSTICA EM SALA DE AULA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO LEITORA

Flávia Elisa Vargas Chamon¹

Resumo: O presente trabalho, derivado do projeto de pesquisa intitulado “A vivência da escrita na carta de leitor: possibilidade de prática social pela linguagem”, apresenta os dados parciais de uma pesquisa qualitativa em educação que está sendo desenvolvida com alunos do 7º ano da rede pública municipal de Contagem -MG. A fundamentação teórica baseia-se em autores como Antunes (2003), Alves Filho (2011), Bakhtin (1992), Bortoni-Ricardo (2008), Geraldi (2004), Rojo (2013), Soares (1998). Dessa forma, serão apresentados os dados coletados no questionário inicial e em quatro oficinas. A partir dos resultados obtidos é possível afirmar que os alunos demonstram ter uma melhor compreensão da língua em funcionamento.

Palavras-chave: Leitura. Linguagem. Uso social da língua.

Introdução

Este trabalho pretende discutir maneiras de oportunizar aos alunos a percepção da língua em funcionamento, para tanto acreditamos que não seja adequado que os professores de Língua Portuguesa reservem maior destaque em suas aulas para a descrição da língua e o ensino de gramática.

Assim, parece-nos desnecessária a tentativa, por vezes infrutífera, de transformarmos nossos alunos em verdadeiros gramáticos e exímios conhecedores de uma metalinguagem para a qual não atribuem sentido e não veem a utilização prática no seu cotidiano. Tais conhecimentos não são garantia de que os alunos serão capazes de efetuar a leitura crítica e cidadã dos diversos textos que circulam em nossa sociedade. Também não garantem a aquisição das habilidades necessárias para a produção de textos, sejam eles orais ou escritos, como preconizado por Bakhtin (1992)

A língua materna – a composição de seu léxico e sua estrutura gramatical-, não a aprendemos nos dicionários e nas gramáticas, nós a adquirimos mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos durante a comunicação verbal viva que se efetua com os indivíduos que nos rodeiam. Assimilamos as formas da língua somente nas formas assumidas pelo enunciado e juntamente com essas formas. (BAKHTIN, 1992, p. 301)

¹ Mestranda em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, flaviachamon@yahoo.com.br



Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (1998) apontam a necessidade de uma reestruturação do ensino de Língua Portuguesa para possibilitar que os alunos desenvolvam competências de leitura e escrita visto que

O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidade de plena participação social. Pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo, produzem cultura. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de contribuir para garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania. (BRASIL, 1998, p. 19)

Não podemos deixar de mencionar, pautando-nos nos PCN (1998), que o efetivo processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa só é possível a partir da articulação de três fatores, a saber: “o aluno, os conhecimentos com os quais se opera nas práticas de linguagem e a mediação do professor” (p. 22). Chamamos a atenção aqui para o terceiro fator, entendido como a prática educativa ofertada, que precisa proporcionar para o aluno, sujeito de aprendizagem, o uso com propriedade da língua nas mais variadas situações discursivas existentes em nossa sociedade, garantindo, dessa forma, sua participação social ativa e consciente.

Assim, as práticas da língua, na escola, a nosso ver, precisam pautar-se pela leitura, produção e análise linguística de textos que contribuam para que os alunos se apoderem de sua língua materna e sintam-se à vontade para usá-la de maneira consciente, vendo-a como mecanismo de inserção social. Dessa forma, a sugestão de atividades desenvolvidas a partir de textos da esfera jornalística apresenta-se como uma tentativa interessante para alcançarmos este objetivo.

1 Referencial teórico

Ao elaborar suas aulas, o professor de Língua Portuguesa deixa transparecer em qual concepção de linguagem acredita, ainda que não pare para pensar sobre isso. A concepção de linguagem adotada aparece nas atividades desenvolvidas junto a seus alunos. Segundo alguns estudos, podem ser mencionadas três principais concepções de linguagem: sistema de normas e regras da língua, instrumento de comunicação e forma de interação. Neste trabalho, a concepção que norteará todo o desenvolvimento das reflexões será aquela que considera a linguagem como forma de interação. Soares (1998) reforça que esta concepção

[...] vê a língua como enunciação, discurso, não apenas como comunicação, que, portanto inclui as relações da língua com aqueles que a utilizam, com o contexto em que é utilizada, com as condições sociais e históricas de sua utilização. Essa nova concepção vem ela também alterando em sua essência o ensino da leitura e da escrita, agora vistas como processos de interação autor-texto-leitor, em determinadas circunstâncias de enunciação [...] (SOARES, 1998, p. 59)



Esta concepção de linguagem modifica o papel do aluno, considerado agora sujeito ativo no desenvolvimento de suas habilidades e na construção do conhecimento acerca da linguagem por meio da interação que ocorre em determinadas circunstâncias de enunciação.

Para Geraldi (2004), a linguagem como interação possibilita que os falantes tornem-se sujeitos. Portanto, atividades pedagógicas desenvolvidas a partir desta concepção possibilitam aos alunos a vivência da linguagem em funcionamento nas diversas práticas sociais.

Antunes (2003, p. 14) pontua que os professores de português têm como objetivo “contribuir significativamente para que os alunos ampliem sua competência no uso oral e escrito da língua portuguesa” além de possibilitar que eles se tornem pessoas críticas e participativas na sociedade em que vivem. A comunicação é o instrumento para a participação social e sem o uso da linguagem isso não será possível.

Para tanto, durante as aulas de língua portuguesa, os alunos precisam exercitar e desenvolver suas “potencialidades comunicativas”. Práticas permeadas pela “perspectiva reducionista do estudo da palavra e da frase descontextualizadas” (Antunes, 2003, p. 19) não contribuem para o desenvolvimento das possibilidades de uso oferecidas pela língua e acabam por levar o aluno ao fracasso escolar, isto se considerarmos o fato de o aluno não ser capaz de repetir a análise meramente metalinguística ensinada pelo professor como suficiente para determinar que ele fracassou.

Dessa forma, devido ao seu insucesso na escola, o aluno constata que “não sabe português” e que “o português é uma língua muito difícil”. Logo em seguida, desenvolve verdadeira “aversão às aulas de português”, o que pode levá-lo à repetência e, posteriormente, à evasão escolar. Antunes (2003) salienta que

A complexidade do processo pedagógico impõe, na verdade, o cuidado em se prever e se avaliar, reiteradamente, concepções (O que é a linguagem? O que é uma língua?), objetivos (Para que ensinamos? Com que finalidade?), procedimentos (Como ensinamos?) e resultados (O que temos conseguido?), de forma que todas as ações se orientem para um ponto comum e relevante: conseguir ampliar as competências comunicativo-interacionais dos alunos. (ANTUNES, 2003, p. 34)

Com o intuito de alcançar o objetivo sugerido por Antunes (2003), o trabalho com a escrita merece um planejamento cuidadoso por parte do professor. O aluno, sujeito de aprendizagem, precisa ver sentido na escrita que produz. A escrita, assim como a fala, também é uma prática de interação conforme nos lembra Antunes (2003)

A visão interacionista da escrita supõe ainda que existe o outro, o tu, com quem dividimos o momento da escrita. Embora o sujeito com quem interagimos pela escrita não esteja presente à circunstância da produção do texto, é inegável que tal



sujeito existe e é imprescindível que ele seja levado em conta, em cada momento. (ANTUNES, 2003, p. 46)

Cabe, portanto, ao professor mostrar para o aluno que toda e qualquer escrita é determinada por objetivos que se quer alcançar e deve ser produzida pensando em quem será o leitor desta. Não há mais espaço para a escrita que não seja significativa. O aluno precisa ter a oportunidade de escrever textos que circulem na sala de aula, na escola, na família, no bairro, na sociedade. E para aprender a escrever só existe um jeito: escrever.

Fundamental dizer que a informação precede a escrita, quanto mais informação, mais ideias, mais fácil será a escrita (Antunes, 2003). Justifica-se, dessa forma, a importância de propiciar ao aluno diversos momentos para a aquisição e reflexão da informação por meio de textos em diversos gêneros.

Kleimann (2004, p. 87) pontua que “o conhecimento sobre um assunto torna-o mais simples, e o conhecimento sobre um evento torna-o mais familiar.”, portanto, munidos de informação, sabendo para quem e para que vai escrever e, principalmente, sem o temor da correção fria e impiedosa, o aluno terá um ambiente propício para desenvolver a capacidade da escrita. Consequentemente, o uso das regras peculiares aos diversos gêneros e a análise linguística serão feitas de maneira consciente, ajudando o aluno a identificar e superar as dificuldades e inadequações que existem no texto dele.

Vale ressaltar que para isso a prática de análise linguística deve ser pautada pelos textos produzidos pelos alunos e não por fragmentos, normalmente literários, como aqueles apresentados nos livros didáticos.

Acreditamos que a produção de texto precisa possibilitar que os alunos explicitem seus valores e seus conhecimentos de mundo, e não imitem uma estrutura apresentada pelo professor na qual a subjetividade e a discursividade não são consideradas. Agindo assim, os alunos compreenderão, na prática, que podem usar a linguagem de maneira crítica, emitindo opiniões, dizendo o que pensam sobre o mundo que os cerca. Sobre esta questão, Alves Filho (2011, p.14) afirma que

na escola é possível simular e mesmo levar a cabo formas de participação dos alunos na vida política e cultural através de atividades de leitura e escrita guiadas pelos modos de funcionamento particulares de conjunto de gêneros. Se isso é feito com uma adequada compreensão de como funcionam os gêneros do discurso em nossa sociedade e do papel ideológico e comunicativo da mídia impressa, mais chances haverá de os alunos desenvolverem seu enorme potencial comunicativo e crítico.



2 Metodologia

Para o desenvolvimento do projeto de ensino, parte integrante de uma pesquisa de mestrado ainda em desenvolvimento, da qual se origina este artigo, cujo foco recai sobre leitura e produção textual de textos da esfera jornalística, optamos em desenvolver um estudo com base nos pressupostos da abordagem qualitativa uma vez que

Uma pesquisa qualitativa no microcosmo da sala de aula, que se volte para a observação do processo de aprendizagem da leitura e da escrita, vai registrar sistematicamente cada sequência de eventos relacionados a essa aprendizagem. Dessa forma, poderá mostrar como e porque algumas crianças avançam no processo, enquanto outras são negligenciadas ou se desinteressam do trabalho conduzido pelo professor, ou ainda veem-se frustradas porque fracassam na tarefa de ler e entender os textos que lhes são apresentados. (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 35)

O principal objetivo da pesquisa em andamento é a implementação de um projeto de ensino que pretende propiciar aos alunos o desenvolvimento da habilidade de opinar, por escrito, utilizando o gênero carta de leitor para expressar seu ponto de vista sobre matérias jornalísticas. E para tanto será necessário identificar e analisar as práticas de leitura realizadas pelos alunos e estimular a leitura de textos jornalísticos e a escrita significativa e contextualizada, levando em consideração a contribuição da multissemiose na atribuição de sentido.

Lüdke e André (1986) nos esclarecem que “a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo”, assim, as atividades relatadas, neste trabalho, foram desenvolvidas com 26 alunos de uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal da cidade de Contagem-MG nas aulas de Língua Portuguesa.

Os instrumentos de pesquisa utilizados foram os seguintes: (1) questionário inicial, (2) anotações feitas no diário de campo, (3) atividades desenvolvidas nas oficinas. Todavia, estes instrumentos não serão analisados em sua totalidade neste trabalho. Os dados apresentados referem-se ao questionário e a quatro oficinas realizadas até o presente momento.

3 Análise dos dados

Para dar início à pesquisa, foi aplicado um questionário no qual questões relativas à escrita dos alunos foram privilegiadas, tais como: os objetivos dos textos que escrevem na escola e fora dela; as dificuldades que têm no ato de escrever na escola; quais textos escrevem fora da escola; como superam as dificuldades no momento da escrita.

Além de questões relacionadas ao hábito de escrita, foi possível identificar a idade dos sujeitos participantes da pesquisa, que varia entre 11 e 13, conforme demonstra o gráfico a seguir.



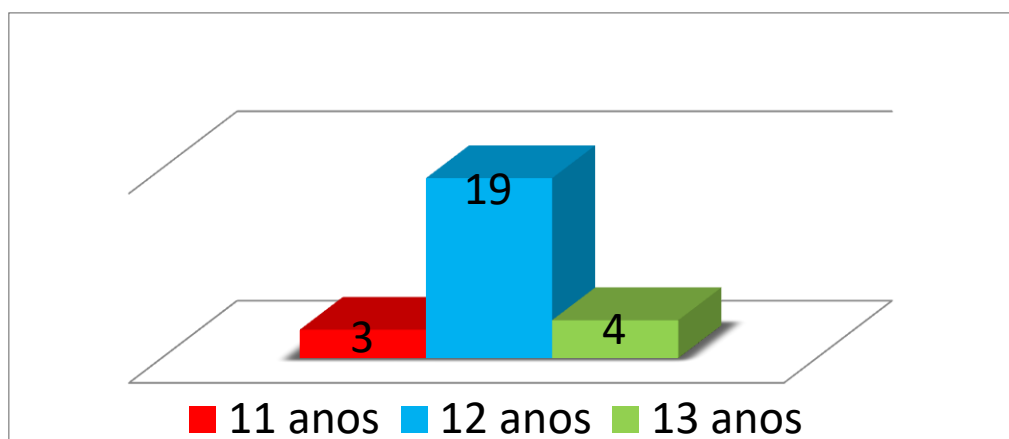


Gráfico 1 – Idade dos sujeitos da pesquisa. Fonte: Dados do questionário inicial

Sobre a leitura de textos da esfera jornalística, 65% assinalou o gênero tirinha e 30% assinalou o gênero resumo das novelas. Não houve resultados significativos para os gêneros que envolvem a estratégia da argumentação, tais como o editorial, o artigo de opinião e a carta de leitor, que não foi mencionada por nenhum aluno. Os resultados apontam que a maioria dos alunos ainda não tem o hábito de ler, no jornal, gêneros que abordam fatos do cotidiano como notícias e reportagens.

Ao serem questionados se o leitor pode manifestar sua opinião em um jornal e de que maneira, 50% respondeu que sim, entretanto não souberam especificar como; 19% respondeu que pode ser por e-mail ou carta; 11% respondeu que pode ser por meio de uma ligação; 7% respondeu que o leitor precisa ir até o jornal; 3% respondeu que o leitor precisa procurar alguém que trabalha no jornal e para 7% dos alunos não é possível que o leitor manifeste sua opinião em um jornal. Os resultados para esta questão enfatizam que os alunos desconhecem o gênero carta de leitor.

Sobre o objetivo dos textos que escrevem na escola, as respostas revelam que, infelizmente, não há uma prática pedagógica que privilegie a escrita significativa e contextualizada, pois na maioria das vezes a palavra “aprender” estava presente, com referência a algum conteúdo curricular ou à ortografia, como podemos perceber em “Alguns para poder estudar quando tiver provas, outros como avaliações do que nós realmente aprendemos em todo o período das atividades”. Outras respostas encontradas foram: “O objetivo é para ajudar no meu futuro quando eu tiver um trabalho” e “Ensinar a falar a linguagem relacionada ao texto e melhorar a minha escrita”. É possível perceber, pelas respostas, que a escrita, na escola, não parte da leitura de gêneros que circulam socialmente, nenhum aluno mencionou, por exemplo, que escreve para opinar sobre um texto jornalístico que foi lido em sala de aula. Vários estudos pontuam a importância de oportunizar que os alunos vejam os gêneros funcionando em sociedade. Para isso, o ideal é que possam produzir o gênero considerando sua funcionalidade real. No entanto, a produção de todo e qualquer gênero discursivo só pode ser



realizada eficazmente se seguir as condições de produção e circulação inerentes a ele. Lopes-Rossi (2006) considera que tais condições serão alcançadas se o autor do gênero discursivo em questão buscar responder os seguintes questionamentos:

Quem escreve (em geral) esse gênero discursivo? Com que propósito? Onde? Quando? Como? Com base em que informações? Como o redator obtém as informações? Quem escreveu este texto que estou lendo? Quem lê esse gênero? Por que o faz? Onde o encontra? Que tipo de resposta pode dar ao texto? Que influência pode sofrer devido a essa leitura? Em que condições esse gênero pode ser produzido e pode circular na nossa sociedade? (LOPES-ROSSI, 2006, p. 77)

Toda e qualquer prática de produção textual, e de leitura também, na escola, precisa dar condições para que os alunos reflitam sobre estas questões apresentadas por Lopes-Rossi (2006). Dessa forma, a o ensino estará efetivamente contribuindo para a formação de alunos críticos e aptos a se posicionarem socialmente.

A partir da constatação acerca da prática de escrita dos alunos e levando em consideração os apontamentos de Lopes-Rossi (2006), as primeiras oficinas aplicadas focaram a leitura e a análise do jornal impresso. As habilidades avaliadas ancoram-se nas matrizes de referência e descritores de Língua Portuguesa usadas como parâmetros na Prova Brasil e aparecem elencadas no quadro a seguir.

EIXO PRÁTICAS DE LEITURA
IMPLICAÇÕES DOS GÊNEROS QUE CIRCULAM NO JORNAL:
Reconhecer os diversos gêneros que circulam em um jornal. Reconhecer as partes que compõem um jornal. Interpretar textos associando a linguagem verbal e a não verbal. Reconhecer e interpretar textos compostos apenas por linguagem imagética.
EIXO PRÁTICAS DE LEITURA
PROCEDIMENTOS DE LEITURA:
Localizar informações explícitas em textos de diferentes gêneros da esfera jornalística. Inferir uma informação implícita em um texto. Identificar o tema e o sentido global de um texto. Inferir o sentido de palavras e expressões. Relacionar o assunto do texto ao cotidiano. Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato.
EIXO ORALIDADE



Planejar a fala para apresentar o texto para a turma.

Usar a fala para expressar com clareza.

Quadro 1 – Habilidades desenvolvidas nas oficinas primeiras oficinas aplicadas.

3.1 Conhecendo e explorando o jornal

Na primeira oficina, os alunos, em dupla, receberam um exemplar do jornal O Tempo Belo Horizonte publicado no dia em que a oficina foi realizada. Antes de receberem os jornais, os alunos foram questionados, oralmente, acerca do que era informação. Como respostas: “saber as coisas”; “ter conhecimento”; “saber o que acontece no mundo” e “saber as matérias da escola”. E, segundo os alunos, eles poderiam obter informação: “em livros”; “na escola”; “no jornal”; “na televisão”; “na internet”. Em seguida, debateu-se a importância do jornal, enfatizando-o como meio de comunicação. Foram abordados, dentre outros, os seguintes pontos acerca do jornal: a facilidade do acesso, a variedade de assuntos tratados, o motivo de ser publicado todo dia, onde podemos encontrá-lo. Ao final desta conversa, os alunos receberam os exemplares do jornal para manusearem livremente. A professora, em dado momento, solicitou que observassem os textos verbais, as imagens, as cores, a capa, as manchetes, as partes do jornal. No decorrer desta exploração inicial, uma aluna, apontando para um cartaz de divulgação de uma peça teatral fez a seguinte pergunta: “Professora, isso é texto?”. A pergunta foi devolvida para a turma, que não conseguiu chegar a uma conclusão. Como tarefa extraclasse, foi solicitado aos alunos que levassem o jornal para casa para escolherem um texto, que seria apresentado na turma no dia seguinte.

3.2 Apresentando o texto escolhido

Na oficina seguinte, cada aluno apresentou o texto previamente escolhido por ele: indicou em qual página do jornal o texto foi publicado, fez a leitura do texto, fez um comentário sobre o texto e justificou a escolha feita. Os colegas acompanharam a apresentação com o jornal em mãos, procedimento que facilitou o desenvolvimento da atividade. Questões e comentários feitos pelos alunos: “Professora, tudo que tem no jornal é texto?”; “Sim, porque tem a linguagem verbal e muita linguagem não verbal” (resposta proferida por um aluno); “Não, tem coisa que é texto como notícia e reportagem e coisa que não é”. Os gêneros escolhidos pelos alunos foram: Programação da tv (31%); reportagem (23%); notícia (23%); cartaz de divulgação de show (11%); charge (4%); tirinha (4%) e horóscopo (4%). Interessante ressaltar que dentre as reportagens escolhidas, em um total de 06 alunos, 04 escolheram a mesma, cujo tema abordado tratava-se de uma pesquisa indicando que o aprendizado de crianças pobres é seis vezes menor em comparação às crianças com melhores



condições financeiras. O mesmo ocorreu na escolha do gênero notícia, pois 03 alunos fizeram a escolha pelo texto que abordava o sequestro de uma mulher em um estacionamento de um shopping de Contagem e outros 03 escolheram a notícia sobre um ataque terrorista ocorrido no Egito.

Os gêneros escolhidos, nesta atividade, mostraram-se bastante diferentes dos gêneros apontados pelos alunos no questionário inicial. Talvez esta diversidade seja fruto da oportunidade que tiveram de manusear o jornal em sala de aula e em casa. De acordo com Alves Filho (2011, p. 89), “os jornais são veículos de comunicação para o exercício de várias atividades, sendo as duas mais importantes a divulgação da informação e a expressão da opinião” e as escolhas feitas pelos alunos privilegiaram a primeira atividade jornalística citada pelo autor, o que nos leva a inferir que os alunos, a partir das atividades práticas desenvolvidas no projeto de ensino em curso, já estão começando a prestar atenção a uma importante função dos textos da esfera jornalística: “divulgação da informação”.

3.3 Questões sobre o texto escolhido

Na terceira oficina, os alunos, novamente em dupla, responderam, por escrito, seis questões sobre o texto que apresentaram na atividade anterior. As questões propostas versavam sobre: o título do texto; se o texto está anunciado na capa do jornal e por que; o tema do texto; em qual caderno o texto foi publicado e por qual motivo; se o texto continha imagem e qual a relação dela com o texto e, finalmente, por qual motivo este texto foi escolhido para ser apresentado na turma. Enquanto respondiam às perguntas, os alunos reliam o texto, pediam ajuda ao colega de dupla e à professora, voltavam a manusear o jornal. Depois que todos terminaram, os alunos trocaram as atividades com seu parceiro. Assim, um leu o texto e as questões do outro.

Na questão relativa ao tema do texto, 65% dos alunos não souberam respondê-la, houve uma confusão com título e com objetivo do texto. Apenas 35% dos alunos responderam a esta questão de maneira correta, indicando com clareza qual era o tema do texto jornalístico escolhido. A pertinência desta questão está alicerçada em Alves Filho (2011) quando o autor afirma que

Conhecer os temas relativamente previsíveis para gêneros a serem trabalhados em sala de aula torna-se relevante pelo fato de possibilitar ao leitor fazer suposições estratégicas acerca dos textos que irá ler e/ou escrever. Se o aluno compreende o tratamento temático típico de um gênero, ele reunirá mais condições tanto para ler como para produzir textos de diversos gêneros. (ALVES FILHO, 2011, p. 45)



Portanto, tendo-se em vista a relevância de se conhecer os temas² presentes nos diversos gêneros, será necessário que os alunos realizem atividades que os possibilitem desenvolver a habilidade de procedimento de leitura ‘Identificar o tema e o sentido global de um texto’.

As respostas dos alunos demonstraram que 50% deles identificaram o caderno no qual o texto escolhido foi publicado e 50% da turma ainda não foi capaz de identificar, muitos confundiram com a página, a data ou parte do título. Estes resultados indicam que será necessário desenvolver a habilidade relativas às implicações dos gêneros que circulam no jornal ‘Reconhecer as partes que compõem um jornal’.

3.4 Analisando um texto jornalístico

Nesta oficina, os alunos fizeram a leitura coletiva de uma notícia³ sobre um atropelamento ocorrido em um bairro da cidade de Belo Horizonte, publicada no dia 12 de abril de 2017 no Jornal O Tempo Belo Horizonte. O jornal no qual o texto foi publicado foi apresentado para os alunos com o intuito de mostrá-los o contexto de circulação original do texto. Foram analisados, dentre outros, os aspectos discursivos da notícia, pois não se pode perder de vista, como ressaltado por Rojo (2013)

que as práticas de linguagem ou enunciações se dão sempre de maneira situada, isto é em determinadas situações de enunciação ou de comunicação, que se definem pelo funcionamento de suas esferas ou campos de circulação dos discursos. (ROJO, 2013, p. 27)

Dessa forma, oralmente e coletivamente, os alunos analisaram o título da notícia “Menina tem perna esmagada por carro” e o impacto que ele causa nos leitores, a decisão que levou a notícia a ser publicada no caderno ‘Cidades’ e os efeitos de sentido causados pelas escolhas linguísticas feitas pelo autor da notícia.

Após a leitura e discussão do texto, os alunos responderam algumas questões sobre ele. Nesta atividade, 72% dos alunos conseguiram identificar em qual caderno a notícia lida foi publicada, observou-se, portanto, um avanço no reconhecimento das partes que compõem um jornal.

A partir dos comentários feitos oralmente e pela atividade desenvolvida por escrito, percebeu-se que grande parte da turma reconheceu o contexto de produção e circulação do texto, bem como o tema e o sentido global do texto. Com relação ao público-alvo, concluíram que seriam os leitores do jornal O Tempo que costumam ler o caderno Cidades. A maior parte da turma

² O tema de um gênero, neste artigo, não deve ser entendido meramente como o assunto abordado, mas sim o resultado do binômio conteúdo-valor que o autor quer expressar, conforme preconizado por Bakhtin (1992).

³ Menina tem perna esmagada por carro. O Tempo Belo Horizonte, Contagem, 12 abril 2017. Caderno Cidades. p.27.



apresentou facilidade para localizar informações explícitas no texto e em reconhecer o uso das aspas. No que tange à atribuição de sentido de informações implícitas, uma pequena parte apresentou dificuldade, bem como para diferenciar o fato narrado no texto das opiniões expressas sobre ele. Ao serem solicitados para opinarem sobre a notícia lida, 56% dos alunos formularam uma opinião, mas não apresentaram argumentos, e 44% formularam uma opinião acompanhadas de pelo menos um argumento que a justificava.

Considerações finais

A partir das atividades propostas podemos perceber que é possível pensarmos uma prática pedagógica que possibilite o desenvolvimento de habilidades leitoras a partir de textos da esfera jornalística. Como nos lembra Geraldi (2004) “a leitura é um processo de interlocução entre leitor/autor mediado pelo texto.”, acreditamos que esta interlocução da qual nos fala o citado autor, esteja acontecendo, pois os alunos conseguiram compreender que sempre há uma intencionalidade do autor na escolha dos recursos que constituem os textos publicados em um jornal e que esta intencionalidade também está presente na divisão (cadernos e seções) e na diagramação do jornal. Demos ênfase aos textos escritos, dado ao objeto de pesquisa escolhido, contudo por considerarmos ser também importante o desenvolvimento da oralidade, propiciamos momentos de debate e discussão entre os alunos.

Percebemos, por meio dos dados coletados e analisados, que os alunos reconhecem o texto como uma sequência de frases, para eles o que difere desta apresentação não se constitui como um texto. Portanto, concluímos que ainda imperam, na sala de aula, atividades que reforçam o conceito de texto como uma estrutura verbal. A linguagem não verbal não vem sendo considerada.

Atividades desenvolvidas a partir de textos reais, que circulam em nossa sociedade, permitem que os alunos vivenciem a linguagem em funcionamento e percebam a sua importância. Dessa forma, contribuiremos para a formação de leitores proficientes e críticos. E é exatamente isso que estamos propondo.

O desenvolvimento das atividades, aqui analisadas, vem demonstrando que, em relação aos textos da esfera jornalística, os alunos estão:

- interessando-se em ler tais textos;
- formulando opiniões, oralmente e por escrito, sobre os textos lidos;
- atribuindo sentido às multissemiotes presentes;
- entendendo as etapas de produção e circulação de um jornal;
- compreendendo as divisões de um jornal em cadernos e seções;



- percebendo as diferenças de sentido provocadas pelas escolhas linguísticas.

Considerando os avanços alcançados até o momento e o referencial teórico que sustenta as atividades desenvolvidas, destacamos que as aulas de Língua Portuguesa precisam privilegiar um trabalho articulado com a realidade, de modo a possibilitar que o desenvolvimento das habilidades leitoras faça parte da rotina pedagógica, a partir de textos reais, que fazem parte da vida social dos alunos.

Reading and analysis of journalistic texts in the classroom: contributions to the reading training

Abstract

The present work, derived from the research project entitled "The experience of writing in the reader's letter: possibility of social practice through language", presents the partial data of a qualitative research in education that is being developed with students of the 7th year of the municipal public school network of Contagem-MG. The theoretical basis is based on authors such as Antunes (2003), Alves Filho (2011), Bakhtin (1992), Bortoni-Ricardo (2008), Geraldi (2004), Rojo (2013) and Soares (1998). In this way, the data collected in the initial questionnaire and in four workshops will be presented. From the obtained results it is possible to claim that the students demonstrate a better understanding of the working language.

Keywords: Reading. Language. Social use of language.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003 (Série Aula 1)

ALVES FILHO, Francisco. **Gêneros jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Trabalhando com... na escola).

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. [tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira; revisão da tradução Marina Appenzeller]. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. **PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação: Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores**. Brasília: MEC, SEB; Inep, 2008. 200 p.: il. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/prova%20brasil_matriz2.pdf> Acesso em 08 mar. 2017.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. (Estratégias de Ensino; 8).

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.



GERALDI, João Wanderley. (Org.) **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2004.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: Teoria e Prática**. 10 ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (orgs). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. Páginas 73 a 83.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U. (Editora Pedagógica e Universitária Ltda), 1986.

ROJO, R. **Escol@ Conectada: os multiletramentos e as TIC's**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2013.

SOARES, Magda. Concepções de linguagem e o ensino da Língua Portuguesa. In: BASTOS, Neusa Barbosa (Org.). **Língua Portuguesa. História, Perspectivas, Ensino**. São Paulo: EDUC, 1998. Páginas 53-60.

